



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

Setuibal

LINGUIÇA veio de uma cadeia para a nossa Casa. Tem pai e tem mãe. Foi totalmente abandonado. Viveu a sua meninice num orfanato de onde fugiu. Entregue a si próprio, com 14 anos, foi dar à prisão. No tribunal alguém se doeu. Alguém que não é católico e para que o comodismo de muitos que dizem sê-lo é escândalo que o afasta da Igreja. Veio falar-me do caso. Insistiu. Eu pus objecções: — Será difícil conseguirmos algo, mais a mais vindo de um orfanato. Defendi sobretudo os que tinha já comigo e são quase centena e meia: — Será um elemento de corrupção no meio dos nossos.

E disse e disse...

O nosso homem vinha armado de uma esperança que me venceu: — «Este será excepção.»

Falámos de Deus. Falámos dos homens. Fui vencido. **Linguíça** veio. Há perto de ano e meio. Os rapazes, com uma intuição genial puseram-lhe o nome de **Linguíça**. É mesmo um linguíça.

Não gosta do trabalho. Nunca foi habituado. Não sei se já reinava na sua antiga casa de educação a nova pedagogia de «não se fazer sentir que o pão que se come deve ser fruto do suor do rosto». Não sei. A verdade é que o nosso homem tem horror ao trabalho.

Há dias, com uma habilidade só uma vez igualada na Casa do Gaiato, aprendeu o segredo do cofre, descobriu o lugar da chave e, em hora de ocupação de todos, fugiu da sua e pronto: roubou quinhentos escudos.

Quem falar com ele fica encantado com o tom da sua conversa. **Leva** toda a gente, menos a nós.

Continua na TERCEIRA página

O dia da cidade, por ser feriado, trouxe visitas a nossa Casa. Uns conhecidos, outros não. Entre estes, dois a pedir lugar para três rapazes. Um apresentado por um velho colono com mais de cinquenta anos de Moçambique. Seu criado morreu deixando mulher internada no Hospital Psiquiátrico de Vila Luisa e 3 filhos que houve de tomar conta. E o bom senhor contava com lágrimas nos olhos como o criado lhe confiara os filhos ao morrer.

Outro caso mais misterioso. Uma mulher europeia bem nova, bem apresentada e bem pintada, de modos muitos soltos e tais que não pude encarar-la de frente, com dois filhos pela mão, de dois e três anos. O pai é um homem casado que, segundo ela, a andou a enganar. Os filhos, porque nenhum os pode perfilhar, são de pais incógnitos. «Preciso empregar-me, mas não consigo nem posso com os filhos agarrados a mim».

Lourenço Marques

Que fariam os leitores no meu lugar perante isto? Não aceitavam estas crianças? Pois eu não aceitei nenhuma, nem posso, até que levantemos a primeira fase da nossa Aldeia. Sem isto não podemos receber mais. É impossível porém ignorar estes casos e muitos outros que volta e meia batem à porta. E agora que temos de lhes dar a mão. E hoje que eles precisam de ajuda. Não vamos mandá-los esperar dois outros anos.

Ora em assunto de construção estamos a caminhar muito devagar. Para estes dois anos e meio que demoraremos a construir esta primeira parte da Aldeia, não nos chegam dois mil contos.

Continua na QUARTA página

Aqui, LISBOA

«Os «robots» não substituem o Homem». Se a «Apolo XI» tivesse sido comandada até ao fim por um computador, ter-se-ia desfeito na cratera, semeada de blocos de rochedos, que Aldrin evitou tomando os comandos». (Dos jornais).

Cada homem é um Mundo, portador duma existência individual e intransmissível, com

um destino pessoal a realizar e uma resposta concreta a dar. Situado a par dos outros homens não se pode deles desligar, sob pena de contradizer o humano que há em si e de destruir as relações de interdependência que o vinculam aos outros homens como ser social que é. Criado à imagem e semelhança do Criador, livre, tudo o que ofuscar essa imagem ou semelhança, ou destruir essa liberdade, redundará em negação de si mesmo e em afectação negativa aos outros. Do equilíbrio do aspecto pessoal e da feição social resultará a plena realização de cada um de nós. Ai do homem que olha apenas para si, esquecendo os outros; e ai das sociedades que amarfamham os indivíduos, reduzindo-os a meras peças duma máquina sem alma!

Numa época em que a chamada cibernética ou ciência dos actos governados, prolifera a esmo, em que o orgulho da técnica faz esquecer a pequenez e a humildade que traduzem a autêntica condição de dependência do homem perante o Criador, o grande perigo é, quanto a nós, a de nos tornarmos todos «robots» e de abdicarmos da faculdade de pensar ou de pensarmos carregando em botões que autotransportamos, com soluções de ideias feitas ou de pragmatismos mitológicos. O homem, mesmo pensando mal ou defeituosamente, afirma-se como homem;

prescindindo da faculdade de pensar nega a sua própria humanidade. Ora, por um lado o baixo nível de existência de muitos irmãos nossos impede-os de pensar e, portanto, de se realizarem como homens, em plena liberdade; são como instrumentos dotados de automatismo, sem personalidade e em que as manifestações são as de mera sobrevivência física, ao escalão sensitivo. Por outro lado, os egoístas, os instalados na vida acabam eles mesmos por se tornar «robots» de si próprios, abdicando da faculdade de pensar, que os deveria levar ao conhecimento das necessidades dos outros homens, numa visão dinâmica de solidariedade, que encontra na ventura ou promoção do próximo algo da sua própria felicidade. Também estes, escravos das paixões e dos prazeres, com ideias fixas nos bens deste mundo, se demitiram de seus pensamentos e pautam as suas manifestações pelos sentidos, com a gravidade de uma maior responsabilidade.

Tal como Aldrin, o homem tem de tomar os comandos mas de si próprio. Os «robots» não o substituem. Se não atentarmos isto, correremos fatalmente o perigo de nos despedaçarmos num desagregar profundo das estruturas e para infelicidade de todos. E a solução é bem simples: pensar e procurar pensar bem. O pensamento, por natureza, conduzirá ao Amor, que nos leva a ver Deus para todos e Pai de todos; e os homens irmãos uns dos outros.

Padre Luís

Cantinho dos Rapazes

Eu sei por experiência o sabor de uma carta de casa quando se está longe e a consoladela que o jornal nos dá quando o não lemos e relemos à procura de gralhas, nem tivemos a directa responsabilidade de o dar à estampa. Nos meus períodos de África revivo sempre os tempos de estudante, quando o Senhor preparava em mim uma paixão e Se

servia, para a acender, daquelas quatro páginas tão sedutoras, que eu esperava quinzenalmente com a impaciência de um namorado. Sei tão bem tudo isto, que a ninguém admirará o meu regozijo perante a confiança de sentimentos semelhantes na alma dos nossos que andam longe.

«Acabo de receber o

seu aero. Junto vinha «O Gaiato» do dia 12 de Julho que eu devo rei, e fiquei a chorar por mais, pois que o último jornal que me veio às mãos foi o «Passarinho» que mo deu.

É no correio, sobretudo no jornal, que encontro força para me aguentar em grande forma na moral cristã.

Na verdade o jornal torna-se pequeno para

o tempo que tenho disponível, pois que até agora o trabalho era o tema, mas agora o tema é a sorna. Para quem gosta de trabalhar como eu, pois que até mesmo na tropa ainda conservo aquela minha mania de inventar trabalho para não estar quieto, aborreço-me bastante esta vida, que não nos proporciona

Continua na 2.ª página

A frente da procissão vários pendões, que pequeninos são os grupos que eles emblemam.

Os das Casas para que vários concorrem, com 150\$ do que nunca falta e mais 100\$ de M. Adelina, de V. Nova de Gaia, que julgo ser uma cara nova neste cortejo de caridade.

Logo a seguir os das Casas por inteiro. Treze mil do Dundo, «em cumprimento de uma promessa a N. Senhora». Menos mil «para uma casa que eu ambicionava há tanto tempo. Foi ganho por mim com trabalhos feitos à mão para lojas de bebés.» Que lindos os bebés vestidos com tais roupas!

«Finalmente, a Casa de S.

Mateus torna-se uma realidade. Não supõe a nossa alegria e esperança de que esta seja a primeira, não a única.» E a somar ao desabafo desta alegria e esperança, um esclarecimento, luz que não podemos deixar debaixo do alqueire: «Aquele que dá sobras ou se priva de pouco não é generoso. Não é que seja exactamente o tostão que se dá para sossego da consciência do egoísta; mas, apesar de não termos fortuna, temos um bom ordenado, donde a generosidade é muito relativa. Generoso aquele que se priva pelos outros, o que dá, não o supérfluo, mas o necessário. Continuemos a pedir a Deus

AGORA

que abra o coração e a bolsa de todos e o facto é que a vossa (nossa) Obra, cresce que é um regalo ver-se.»

Surgem agora dois fiéis à Campanha dos 30.000×20\$. É uma assinante da primeira hora com os 240\$ de 1967 e outrotanto de 1968, mais a promessa de breve reaparecer com o 1.º semestre de 69. A outra é uma assinante de Monção.

Agora os Pessoas. Sempre os mesmos. Os da Caixa Textil com 255\$ relativos a Março e 227\$50 relativos a Junho. Será falta nossa a ausência do Abril e Maio, ou esqueceram-se por lá?

O Pessoal da HICA com 1.686\$10, 1.635\$30 e igual quantia referentes a Junho, Julho e Agosto. Com a fusão da HICA numa grande Empresa, Deus queira esta não abafe o foro. Pessoal do Grémio da Panificação com 330\$ no princípio de Julho e 165\$00 no fim do mesmo mês.

A frente dos de todos os meses, vem a Maria do Pequeno Louvre, com uma presença sextupla, que já excede os meses deste ano.

Berta e Jorge, metade das presenças. Idem, do Assinante 6790 e do Major do Silêncio, a última a dobrar, por conta do mês de férias.

Assinante 7475 com os 20\$ habituais (e outrotanto pró «Calvário»). O dobro de «uma admiradora dessa grande Obra».

Agora, o grupo mais numeroso da presente saída: os Avulsos. 100\$00 do Assinante 12.322. 2.000\$ de F. A. M. A. e F. A. B. O. e este recadinho:

«A parte a ternura que a Obra do Gaiato me arranca, o

vosso jornal consegue humanizar e despertar os mais endu-recidos!

Pudesse eu, e nós todos, contribuir mais! e melhor! Aqui vai um pequenino lance da nossa escada feliz. Que Deus nos ajude e a Vós também».

Uma Professora, «com a minha contribuição»: 2.500\$. Da Parede, 150\$ e de Coimbra 40\$. Uma Mãe, «muito grata», com 500\$ e «peço-vos uma oração para que Deus ajude e abençoe um meu Filho». Igual quantia da R. Alexandre Herculano — Lisboa, tocada pela necessidade daquele Pai de nove filhos, de quem «O Gaiato» falou há tempos. Mais 40\$00 da Quinta do Arieiro — Coimbra. 50\$, «lembrando-me da Família que habita a Casa Ouvi-me Senhor. A data de 16 de Julho marcou e fixei-a, martelando-me o pensamento sempre que se aproxima».

200\$00 de Valadares. 500\$00 «para ajudar à dívida desse digno homem que, com toda a razão e justiça, quer uma casa digna para a sua numerosa família».

«Um Velho amigo das Casas do Gaiato», que tanto tem ajudado os nossos padres de Angola, com esta carta e um cheque de 10 contos:

«Há muito que deveria ter sido pago o livro a que se refere o rótulo junto! — Dificuldades em enviar moeda metropolitana, muito descuido, o eterno «ter muito que fazer» (quando para fazermos aquilo que nos agrada, nunca falta tempo...) serve sempre para nos desculparmos a nós próprios! Perdoem!

Perdoem! Que Deus nos abençoe a todos como tem abençoado a Obra criada pelo Pai Américo, tão bem criada e com tantas bençãos de Deus, que continua — e no seu continuar está, talvez, a maior força da grandeza de quem a criou!

Aplicuem o que fôr a mais no que julgarem melhor! — Património dos Pobres? — Não sei, nem me importa, com a certeza que tenho que será bem aplicada. — Quem me dera ter igual certeza no que eu aplico noutras coisas.»

Isabel e Nuno com 500\$00 e desejos largos de perseverança.

Um pouco mais de 6 contos — tanto quanto havia no Mealhinho do Teatro Sá da Bandeira, à morte do grande Amigo Sr. Rocha Brito.

E 10 contos, mais esta carta:

«Morreu minha mãe. Considerava ela a caridade, base indispensável à existência de qualquer virtude, dizendo mesmo que, rezar e não praticar a caridade em qualquer das suas múltiplas possibilidades, é o mesmo que erguer edifícios sem alicerces. Mau para os seus donos e perigoso para aqueles que com eles lidarem.

Muito gostaria que as minhas orações pelo eterno descanso de sua alma tivessem os «alicerces» que tão gratos lhe eram. Tentando isso conseguir, junto remeto dois vales de correio, para os meus bons Amigos, através da Obra do Património dos Pobres, mandarem construir os alicerces de uma casa destinada a uma família necessitada. Se, porém, entenderem empregar o dinheiro noutra obra de caridade, têm plena liberdade de o fazer, pois para minha mãe uma obra de caridade era tão boa forma de rezar uma oração que até dispensava as palavras.

Por toda a maçada que tiverem, desde já os meus agradecimentos.

P. S. — A propósito: — Se aqueles que perdem seus entes queridos e se apressam a fazer-lhes o enterro, modesta ou faustosamente, conforme suas posses ou mentalidades (dar sepultura aos mortos o que é louvável) — igualmente se apressassem a «alicerçar» suas orações enviando um donativo proporcional para a Obra do Património dos Pobres (dar casa aos vivos necessitados, o que é ainda mais louvável) creio que o problema do Pobre, que não tem um tecto digno desse nome, estaria em vias de melhor solução. Há falta de orações com «alicerces».

Quem é capaz de dizer mais e melhor, do que este dizer com actos?!

Visado pela
Comissão de Censura

Cantinho DOS RAPIZES

Cont. da PRIMEIRA página

na nada de bem e muitas vezes somos tentados a pensar noutras coisas.

Resumo de tudo isto: antes, cansado pela sobrecarga do trabalho; agora, cansado de não fazer nada».

O nosso jornal é, e deve ser, uma fonte essencial de comunhão de vida para aqueles que são verdadeiramente nossos. Muitos só o descobriram quando a maturidade se aproxima e as condições do tempo nos distanciaram! Tanto melhor! A distância será sempre prova real do amor. Os falsos amores caem sob a lei do «longe da vista, longe do coração». O verdadeiro amor intensifica-se, purifica-se pela separação.

Ora o nosso homem «devo-ra e fica a chorar por mais»; neste alimento «encontra força para se aguentar em grande forma na moral cristã»; sente «o jornal pequeno para o tempo disponível».

É assim o verdadeiro amor: cresce com o uso; pode modificar-se e modifica-se com certeza em vários aspectos acidentais, mas não se gasta; progride sempre; torna-se uma necessidade; é mesmo a única necessidade que não se opõe à liberdade, porque amar é a realização plena do destino do homem, criado à imagem de Deus, que é o Amor infinitamente livre.

Onde está o valor da acha de lenha senão no arder até ao fim, no transformar-se plenamente em calor sem deixar cinzas?

O homem que ama é uma fonte de energia divina. Quando a sua luz se extingue no mundo, logo se acende na Eternidade com o brilho de uma estrela.

A necessidade de ser estrela — que lindo programa para a vida de um homem!

x x x

Mas há outro ponto de doutrina que eu não queria perder na mensagem deste nosso irmão. É o seu desabafo sobre o trabalho («que até agora era o tema») e a sorna (que «é o tema agora») rematado por este resumo que redijo com ligeira diferença para salientar o seu significado de arraigada decisão: «antes cansado pela sobrecarga do trabalho do que cansado de não fazer nada».

É verdade. Esta «mania de inventar trabalho» é um sinal que até denunciará a muitos a identidade do meu correspondente. Mas que abençoada mania, que tanto nos liberta de «sermos tentados a pensar noutras coisas»!

Como esta maneira de pensar e de viver se ajusta àquela regra de ouro que Pai Américo nos deixou, fundamental à sua pedagogia de «fazer de cada rapaz um homem»:

«A vida de trabalho deve seguir a par. A um dia de trabalho corresponde uma noite tranquila e são. Cada Rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por ela(...) O trabalho deles, por mão deles, querido por eles, é, ainda, a extinção lenta e sábia dos defeitos morais que os afligem».

Fui eu que sublinhei o «querido por eles». Na adesão a este remédio, na aplicação escrupulosa que cada um faça dele a si-mesmo — está a chave da construção do homem de consciência, valor positivo da sociedade a que pertence, bem que Pai Américo sonhou legar a este pobre mundo em que vivemos para o tornar melhor.



Em horas de recreio amanhã o seu «quintal». Semeiam. Colhem com alegria. E a desordem que às vezes causam, paga-se bem. E de muitas formas...

Carta de Benguela

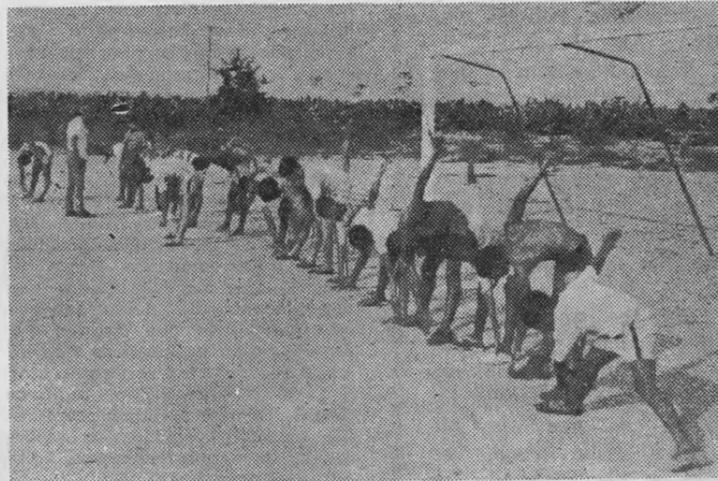
Vai para seis anos que aqui nos instalámos, em pleno Vale do Cavaco, às portas da cidade de Benguela.

Desde então para cá quanto já se não fez?! As obras, graças a Deus, não têm parado. Temos actualmente 105 rapazes e a nossa vida, apesar de uma família tão numerosa, segue normalmente.

Nesta altura depois do reboiço das festas, que sempre desorganizam bastante os horários de oficinas, refeitório, capela e ainda mais o dos dormitórios, anda tudo de novo com a cabeça no ar, por via do Torneio Cooperativo de Futebol a nível Distrital e no qual a nossa equipa foi inscrita e quer botar figura.

As cinco horas da manhã de todas as terças, quintas e sábados, aí temos a malta fora da cama para ir aos treinos. Todos bem dispostos, até o Pláio que deixou crescer a pera e que mais parece um bode. O Toy só tem peneiras a extremo. Se lhe dizem que tem de ser médio, replica e diz que em S. Tomé não havia disso. O Júlio veio de Sá da Bandeira (onde anda a estudar) convencido de ser um internacional... e afinal é

um zero. Ainda assim quem safa a coisa é o «Alemão» e o António da Cunha. Mais dia menos dia temos o Benfica à cata deles! Bem, mas lá andam todos com a esperança de ganhar o torneio e irem a Luanda disputar as finais. Ontem apareceram todos em casa com as



«As cinco horas da manhã de todas as terças, quintas e sábados, aí temos a malta fora da cama para ir aos treinos».

pernas marcadas: Foram jogar à Baía Farta e os Madeirenses não estiveram com melas medidas e toca a varrer.

Vamos lá a ver o que é que isto vai dar.

x x x

Está a chegar aqui o nosso padre Abraão, que é da Casa de Paço de Sousa e que vem de visita às nossas Casas de África. A malta está ansiosa por o conhecer e abraçar. Nessa altura o nosso padre Manuel aproveitará para descansar um pouco que bem precisa.

x x x

A chegada dos americanos à Lua, pôs na lua a cabeça de

TRIBUNA de Coimbra

O casal que veio ontem à noite trazer «mais uma migalhinhas» e dizer-nos que as nossas notícias em «O Gaiato» lhe fazem muita falta marca bem o sentido da presença de todos aqueles que vêm ao nosso encontro. O dar dos nossos Amigos é um acto de comunhão. É uma exigência interior que cheira a triunfo. Os que dão assim, recebem.

Alegremo-nos com aqueles que receberam, dando-nos: A tia de um dos nossos com cem várias vezes. É uma atitude a que não estamos habituados. Os familiares dos poucos nossos que os têm, geralmente nesta idade aparecem para explorar

gasóleo uma imitação da Apolo XI para voar até ao planeta dos contos de Júlio Verne. O lançamento ainda não tem data marcada e parece-me que o Aldrin, que irá a bordo, será o António da Cunha. Querem ver que ainda chegamos primeiro que os russos?

x x x

Temos um aviário novo com linhas lançadas para o futuro (não admira, pois, estamos na era espacial). Lá espaço tem — quase lá cabia um estádio de futebol, que bem era preciso em Benguela, pois veio aí o Sporting e teve de jogar na Catumbela. Bem, mas voltando aos novos galinheiros, informa-se que espaço há, mas a criação por enquanto é pouca. Sr. padre Manuel já pediu à D. Maria, a esposa do nosso mestre de obras, que agora está muito gordo, e ela lá anda com a chocadeira às voltas e já garantiu que dentro em breve a malta terá um churrasco valente e talvez uma piroada.

Por agora as velhas galinhas lá vão pondo uns ovitos. Há pouco o «Cacá», tratador delas, queixou-se à senhora: «Farto-me de dar farelo e couves aos galos e galinhas, mas só estas é que põem; estou farto de espreitar mas ainda não houve um galo que pusesse; só querem comer os figurões».

x x x

E pronto; se fosse a contar tudo o que é a nossa vida, o Júlio em Paço de Sousa começava logo a mandar vir e perguntava se só queríamos o Jornal para nós. Até à próxima.

Américo dos Santos

os rapazes. Setecentos e feijão de conterrânos; milho, feijão e grão de bico da mesma terra; batatas da mesma; 350\$ de lá também; latinhas de conserva de visitantes das escolas primárias da Murtosa; cem de visitantes do Piodão; vinte de Damaia; duzentos de Miranda «para uma telha»; 150\$00 das Caldas da Rainha; 250\$ em vale da Figueira da Foz; cem de Grândola; 680\$ de um grupo de funcionários da T. V. da Lousã; cem mais catorze de visitantes de Castelo Branco.

Vinte de Lisboa para «minhas aflições»; três mil de Lisboa para ajudar o nosso Zé; 400\$ de Rosa de Leiria; 50\$ do Porto para minhas aflições. Mil em cheque de Vila Cabral. É uma presença que se não ausenta. Cem de visitantes; 500\$ de Lisboa por alma da filha única que Deus levou. A Fé, a Esperança e a Caridade são a grande resposta à nossa dor. Duzentos de Lisboa de A. R. M.; vinte dólares de visitantes; duzentos da Covilhã com muita dedicação; duzentos em vale da Figueira da Foz.

Todos os nossos estiveram uns dias acampados na Praia de Mira. Foram uns diñhas de férias e de mar. Também lá apareceram Amigos: 50\$ mais mil, mais 50\$, mais 25\$, mais 50\$, mais 50\$, mais cem, mais vinho, mais brinquedos, mais roupas, mais batatas, mais carne, mais bolos, mais muito carinho aos mais pequeninos, mais cafés pagos a mim e aos mais velhos e mais nada.

Quinhentos de promessa de vizinha; 400\$ pelo Prior de S.ta Cruz; cinquenta levados ao Lar; mil e quinhentos que o Eng. Miguel mandou do Céu; 40\$00 para uma Missa; mil no aniversário da Mãe dos nossos estudantes; mil e quinhentos em vale para despesas do nosso Zé; cem para as obras; 320\$ mais 50\$ numa reunião; mil levados ao Lar nas «Bodas de ouro» de matrimónio. É bom motivo para dar graças a Deus, ajudando os Irmãos. Setecentos de primeiro aumento de funcionária dos C. T. T. Nós temos nos C. T. T. muita gente apaixonada pelos nossos.

Mil, mais duzentos, mais 50\$ no Castelo; 50\$, mais 20\$, mais 20\$ na rua; 600\$ de «anónimo» para os irmãos pobres» entregues no Seminário; quinhentos que fomos buscar à Rua do Brasil; mais visitas de várias turmas da Escola Comercial; 294\$50 dum grupo de Cursistas;

Continua na QUARTA página

SETUBAL

Cont. da PRIMEIRA página

A vida está-lhe a ser dura. Dá serventia aos pedreiros onde tem de aprender treino de trabalho. O «Ti João» não é para brincadeiras.

Não sei o que diriam as novas pedagogias que intitulam esta «Obra» de ultrapassada. Gostava de saber para fazer melhor.

Linguíça fez este ano a 4.ª classe. Tem quinze anos. Fisicamente normal, Intellectualmente também.

Depois da sua proeza ninguém mais lhe chamou Adelino. É o Linguíça. Tenho intuição de que isto faz bem ao rapaz. Fá-lo encontrar-se com o que é. Ver onde caiu. Saber o valor da estima que perdeu e reagir para a encontrar.

Que dirão as novas pedagogias?

x x x

Zé «Mamão» veio de Alcochete. Eu tenho uma série deles de lá. O Provedor da Misericórdia veio ter comigo: — Você tem de aceitar um selvagem que eu lá tenho. O pai é bêbado e atrasado. A mãe uma diminuída mental. O miúdo faz trinta por uma linha. Rouba. Foge, etc... Tem de mo aceitar.

Disse que não: — Tem pai e mãe. O senhor defendeu-se: — Mais valia que não tivesse. Eu retorqui: — Traga-me cá o pai. Quero falar com ele.

Não veio. Eu é que fui a Alcochete à procura do António Henrique que fugira. O senhor encontra-me: — Hoje é que vai falar com o pai do moço.

— Sim senhor. Veio o homem com o filho pelo braço.

— Então você quer que o seu filho vá para uma Casa do Gaiato que é para os rapazes abandonados, você que é pai, tem mulher e tem vida?

— Se não fôr, mato-o.

E disse logo tantas asneiras que o mandei calar e ele nunca obedeceu. «Que o matava, que o esfolava, que lhe cortava o pescoço, que o pendurava no tecto, etc., etc...» Eu nunca tinha ouvido nem sentido tão grande aberração.

O Zé «Mamão» veio. Tem 9 anos. Cabelo loiro, mas terrivelmente desgrenhado e sujo. Parecia um menino da nova vaga.

Esteve quatro dias. Fugiu. Andou por lá mais quatro dias. Voltou. Nunca mais fugiu. Foi há três meses.

Há tempos morreram quatro das nossas melhores vacas leiteiras. Um prejuízo nascido da

tentação dos ninhos mais da passarada. Os vaqueiros deixaram o gado no pasto e foram-se para a distração apetecida. As vacas beberam água tratada com o produto químico da monda do arroz. Morreram envenenadas. Zé «Mamão» deitou-se por cima de uma vaca que esperava autópsia, de barriga para cima, havia 12 horas de morta, e mamou na vaca. Nesse dia nasceu-lhe o apelido: Zé «Mamão».

Eu almoçava mais tarde que os rapazes. Os «batatas» rodearam-me e faziam-me as suas perguntas e meiguices. Aproxima-se o nosso homem com um prato e uma colher na mão: — «Sepacilo», não me dá da sua sopa para um pobrezinho que está ali?

A minha sopa era igual à deles, mas agora estava ali na terrina de que me servia; daí «a sua sopa».

Noutra altura veio-me com o Xico pela mão: — Não vai curar o Xico, que o «Portimão» deu-lhe um murro nos lábios e ele tem os lábios inchados?!...

Está a ser adorável o Zé «Mamão». Revela uma riqueza inexplorada que é o princípio da sua redenção humana.

Padre Acílio



CARTA ABERTA

ao Director Geral dos Transportes Terrestres

Chegou-nos hoje o aviso n.º 48595 relativo ao auto de transgressão n.º 126936 cuja anulação solicitámos em 22/7/969.

Pedimos desculpa, mas temos de insistir. Somos uma Família de 180 Rapazes em Paço de Sousa e 20 no Lar do Porto. Para servirmos ambas as Casas, quanto ao transporte de coisas e pessoas, temos uma carrinha mixta, que, quando transporta pessoas, anda normalmente superlotada.

Sabemos que não andamos ao jeito das leis positivas, mas não andamos contra as leis da natureza, porquanto não excedemos a capacidade do veículo, segundo catálogos de origem que o mostram em modelos providos para transportar tantas ou mais pessoas do que nós transportamos, embora com outra comodidade, que bem apetecíamos, mas a nossa condição de Pobres não consente.

Tem sido assim desde há 30 anos e lealmente lhe confessamos que não vemos como possa deixar de ser. Ao longo destes 30 anos encontrámos agora, pela primeira vez, um Agente que não compreendeu esta realidade simples: a especial natureza da nossa Família, que multiplica por vinte as já excepcionais dimensões de uma família natural de 10 filhos; e que este excesso provém da diligência de suprir a incapacidade das leis positivas no dar remédio que sare as desgraças de algumas famílias e previna os desregramentos de muitos cidadãos, que enchem as nossas Casas dos Rapazes que as povoam e de quantos mais se a mais pudéssemos dar a mão...

Por isso, Senhor Director Geral, prometendo que não lhe apareceremos por qualquer infracção de outra espécie, fruto de culpável incúria nossa, lhe pedimos que não considere esta e peça aos seus Agentes que, por este motivo, não estorvem o caminho aos «Padres da Rua» e aos seus Rapazes, quando os encontrarem na estrada com gente a mais, a qual, talvez, os mesmos ou outros Agentes da Autoridade viessem a encontrar de modo mais triste, se eles não tivessem agora uma carrinha modesta mas eficaz, que os leva à venda de «O Gaiato», ou a entregar a clientes obras das suas mãos, ou à praia a refazerem forças, ou a um desafio de futebol a recriarem a disposição.

Receando que a burocracia intermédia lhe não deixe chegar às mãos esta carta, ela aqui vai, aberta, na esperança de que alguém fará que a leia, a chame a si e a despache benévola e bem da Nação.

Certos da superior compreensão de V. Ex.ª, cumprimentamos muito respeitosamente.

Continuação da PRIMEIRA página

Isso não teria importância alguma se entretanto pudéssemos receber mais rapazes. Mas não. Só haverá três lugares dos que entretanto partem para o serviço militar. Estaremos, pois, aqui instalados cerca de cinco anos sem ultrapassarmos o número de vinte rapazes de Moçambique para ajuda dos quais vieram treze da Metrópole, com resultado tão irrisório em cinco anos de trabalho?...

Precisamos de muito dinheiro para andar mais depressa. É uma Escola que o Plano de Fomento não abrange, para nós e vizinhos. É a instalação eléctrica que, sem passar do posto de transformação nos custa mais de duzentos contos, sem que possamos tornar participantes as noventa habitações que medelam entre nós e o Hospital de S. João de Deus. Ainda mais que isto: é necessário fazer a Casa Mãe, duas casas de habitação para vinte e cinco rapazes cada, que orçam pelos mil e quinhentos contos.

Lourenço Marques tem-nos ajudado, mas à vista do que há a fazer muito esperamos ainda que nos ajude. As terras, porém, donde já nos vieram alguns rapazes também deviam ter a sua participação: Porto Amélia, Macomia, Mueda, Quellmane, Tete, Beira, Inhambane e Nova Freixo.

Aos nossos Amigos que lá trabalham aqui fica esta lembrança.

Padre José Maria

SEMPRE O COMEÇO



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



SETUBAL

ESTUDOS — Terminou mais uma época de estudos. Felizmente, correu-nos da melhor maneira, apesar de ter havido este ou aquele caso desagradável. Princípio por vos dizer que a instrução primária correu satisfatoriamente. Na Telescola a malta atirou-se e deu provas de bons resultados ao seu monitor, Rogério. Devo acrescentar que entre os onze apenas dois remaram contra a maré; foram eles: Príncipe e Aquiles. Por mim, à parte, desejo-lhes muita sorte para o próximo ano. Na escola da noite dois disabobos: o Prego, que apenas passou a desenho com a média de 12,1. Fernando, que ficou onde estava. O Charruas, Emiliano, Teodoro, C. Alberto, Faia, Rufino, Paleca, Quim Lemos e Joe estudaram e pularam mais uns degraus. Falta apenas falar dos estudantes de dia. Motrena que está um sr. estudante, completou o 5.º ano do liceu com boas médias. Jorge que num ano conseguiu tirar o 1.º ciclo dispensando da prova oral. O Sr. Padre Acílio tinha prometido premiar os estudantes conforme os seus comportamentos. Acho que está bem entregue.

TROPA — Mais um que saiu do nosso convívio para ir conviver com os que defendem a Pátria; foi ele o Rogério, o condutor mais criticado até hoje, porque não sabia virar o carro! Um bocado azelha. Mas com o tempo vai ao sítio. Barbose, Rui e Laurindo, mais três reforços para a tropa. O Barbosa já

lá está com um pé, faltando os mais perigosos, isto é: Rui e Laurindo.

TIPOGRAFIA — Está em andamento e que se pode dizer razoável. Houve quem dissesse, que com a saída dos homens de fora a oficina ia abaixo, mas graças a Deus e ao bom esforço de todos ela mantém-se. Mas acho que com um pouquinho da tua ajuda, nos encorajava mais. Não acreditas? Então experimenta.

RUI

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

UM CASO — Durante anos foi uma família com sérias aflições — por incapacidade física do pai. Os filhos, porém, cresceram. Alguns já se emanciparam. E casaram. Nesta transição fomos mantendo luta acesa com eles: a sua obrigação moral de ajudarem, na medida do possível, os progenitores. E os seus irmãos mais pequenos.

Não nos precipitámos. Procurámos não escandalizar. Demos tempo ao tempo. E um dia, por justiça, ameaçámos com mais dureza, demonstrando de novo a fraqueza de todos. Também não surtiu efeito! Então, concretizámos a decisão. Prometemos não dar ajudas certas sem, contudo, deixarmos de estar atentos a futuras situações mais embaraçosas. Foi remédio santo. Os faltosos botaram logo a mão. E a própria família mudou de vida! Emancipou-se. E deu uma grande lição.

Enfim, se não procuramos dar a mão aos Pobres, se não procuramos mostrar-lhes — sendo preciso com santa dureza cristã — o seu valor no meio dos homens, com o direito dos demais, permanecem no charco; são explorados, vítimas até de injustiça dos próprios familiares, no pior subdesenvolvimento!

Este apontamento, de época recente, forneceu nova lição prática à nossa vida de simples recoveiros dos Pobres.

O QUE RECEBEMOS — Aqui vai o fiozinho de costume. São gotas que aliviam muito sofrimento.

Abre a assinante 31316 com 60\$00. Os habituais 40\$00 da assinante 17022. Mais 100\$00 da Av. Dr. Madeira, de Mafra. E outra nota de 100\$00 do Largo do Priorado — Porto. O Porto está sempre presente! Aqui vai de novo, com 60\$00 do assinante 18223. E 150\$00 de Tudor House-Glos-Inglaterra. É uma Miss que de vez em quando lembra os nossos Pobres com muita amizade. Finalmente, a presença habitual da assinante 17740 e um embrulho de roupas de Baltar.

JÚLIO MENDES



BENGUELA — DOIS NOSSOS CUIDANDO DAS GALINHAS

Cont. da 1.ª pág.

vinte à porta de Santa Cruz; 50\$ mais 40\$ a vendedores; cem francos dum sacerdote; quinhentos dum pároco; cem de sacerdote; cinco mil em cheque levado ao Lar; cem em vale de correio; cem no Castelo; 100\$00+20\$+20\$ mais 100\$00 para aflições; cinquenta «por uma Neta ter concluído o curso na Universidade»; vinte a Pai Américo; a lembrança mensal de senhora dum Café onde os



nossos se regalamos com mimos; 500\$00 das Amiguitas Maria Helena e Maria Isabel; 50\$00 por alma do marido.

Três mil duma Mãe; cem de visita ao Joãozinho; 40\$00 de visitantes; cem da R. Alexandre Herculano; cem num envelope; duzentos por sobrinha ter feito

o 5.º ano; cem no Castelo; 50\$ dum sacerdote; quinhentos das economias dum casal nosso; quinhentos e «dou graças a Deus por vos poder enviar esta pequena oferta». Aqui está a grandeza do dar.

Padre Horácio